

RUBEM BRAGA

UMA INJUSTIÇA

OS plásticos estão agitados: Salão Nacional dos Modernos e daqui a pouco a Bienal. É difícil saber quem vai pegar o prêmio de viagem ao estrangeiro de pintura; dizem que a coisa está entre o Raimundo Nogueira e o Ivan Serpa, mas o júri só se reúne na sexta-feira.

Dos figurativos confesso que gostei especialmente (nunca tinha visto nada d'ele antes) de dois quadros de um rapaz chamado Quaglia. No desenho a coisa está dura, com Arnaldo Pedroso d'Horta, Aldemir Martins e Darel, para só citar esses três.

Mas, a propósito de desenho: o júri de seleção da bienal cortou todos os trabalhos enviados por Anísio Medeiros, que tirou o prêmio de viagem do ano passado. Ora, isso é demais. Tendo visto alguns desenhos de Anísio na casa de um amigo, fui há tempos ao seu «atêlier» e vi as suas últimas coisas. Anísio Medeiros está fazendo desenhos que em qualquer parte do mundo seriam considerados de primeira classe. Só há uma explicação para o seu degolamento por esse júri de seleção: fúria concretista dos juizes.

Admito que alguém seja concretista, e se você prefere pintar pequenos quadriláteros coloridos no lugar de mulheres ou bananas, está muito bem; se você pinta bem você, continuará pintando bem, e se pintar mal continuará ruim. Mas o sectarismo dos teóricos do concretismo é que me espanta; ele produz nas pessoas mais inteligentes, cultas e sensíveis àquela burrice, aquela ignorância e aquela cegueira que até há pouco pareciam privilégio de certos acadêmicos ou dos néo-realistas comunizantes. O repúdio aos trabalhos de Anísio Medeiros deixa em excelente companhia todos os artistas que foram excluídos de bienal; porque eles não organizam um pequeno salão para ser aberto no Rio quando a bienal estiver funcionando em São Paulo?

O que me parece característico dos críticos e doutrinadores concretistas é este paradoxo: eles que deveriam, com mais pureza que quaisquer outros, «falar pintura», são os que menos falam do que é especificamente pintura — cores, tons, valores, composição, etc — e disparam numa literatura metafísica complicada e gratuita, esse gênero de lógica abstrata (perdão!) em que tudo se prova com a maior facilidade porque nada diz coisa com coisa. Que um jovem pintor apaixonado como Ivan Serpa diga coisas tolices em suas entrevistas, vá lá; o que pintor diz não se escreve; o que vale é o que ele faz com o pincel na mão. Mas que homens cultos, com tarimba de ver pintura e de ler sobre pintura, se deixem apaixonar pela teoria da moda a ponto de ignorar os valores que não cabem em suas bitolinhas, isso é triste. Afinal de contas, meus amigos, nesse assunto de pintura e desenho há uma coisa humilde que deve ser levada em conta, uma pobre coisa de que vocês se esquecem quando estão entretidos em suas discussões, mas que talvez merecesse pelo menos um olhar — essa coisa chamada quadro.

Creiam-me sob palavra: Anísio Medeiros sabe fazer essa coisa; seu desenho está bom, limpo, expressivo, harmônico, depurado de todo truque barato; e se vocês foram tão injustos com ele, que é prêmio de viagem recente, imagino com tristeza o que não terão feito com outros...